

Anno 16\$000
Semestre 9\$000
Trimestre 5\$000

Anno 20\$000
Semestre 11\$000
Trimestre 6\$000

Escriptorio: 70, Rua do Ouvidor 70.

ANNO VII

RIO DE JANEIRO, 6 DE NOVEMBRO DE 1875

N. 321

EXPEDIENTE

Agradecemos a offerta de exemplares das seguintes publicações, com que fomos obsequiados:

Ao Sr B. L. Garnier — *Petro e Cavalla e Mini Pinso*, contos por Alfredo de Musset, versado do nosso amigo Sr Salvador de Mendonça.

Ao Sr Dr Moncorvo de Figueiredo — *Do emprego do alvarato de potassa*, na sultura das crinças. Faça parars seus, Doutor, faga!

Ao Sr Manuel de Macedo — o seu *Almanach Illustrado* para 1876, em que dá largas ao espirito financeiro observador que o distingue. O tanto completo de um seu numero de boas pilherias e historias comicasticas.

Ao Sr A. J. da Fonseca Moreira — *Os Filhos do Inferno*, drama phantastico em 5 actos, original sem, muito original, muito original. E' impositivo até que o Conservatorio lhe não dê algum premio...

Ao Exm. Sr. senador Silveira Lobo — *O Discuro* por S. Exc. proferido no Senado em 3 de setembro, relativamente à lei de reconhecimento militar.

Sr M. N. S. — Não ha meio nem modo. Idiotas já não cá temos muitos.

Sr Assignante Velho — O Sr que é velho, e que é assignante — das provas de não ser sãlo — poderá dizer-nos suas cousas? Não será amarrar gastar sete mil réis para ler a tradução do *Jocelyn* feita pelo Sr Cardoso de Menezes?

Sr do desenho — Enforcas a pelicia, é barbudo; enforcas a laezaria, é eruel; não desambar o Pigeau a deipar uma corvã de peripetas e sandões sobre a campã d'um conservatorio qualquer.... passa fãra de todos os limites. Nem tanto!

Com muito gosto!

Esta famosa questão de *Leontistada*, além das grandes vantagens que nos trouxe como explicação das attribuições das duas policias a que os homens de letras têm de render preito e homenagem, tem sido de immensa utilidade n'uma porção de sentidas. Mal comparada, tornou-se uma especie de luz electrica acescada sobre pontos onde se erguiam nos montes virtudes e qualidades de que até então se mais fortes telescopios não haviam dado noticia curta — de que não haviam sequer desluzido a existencia.

E tem bastado para espalhar essa claridade reveladora que a fãlta confidente, nos intervallos do benjãim quotidiano, accudesse a lampada maravillosa!

De tudo quanto ha muitos annos se diz para fazer fãga aos governos, não ha cousa que fique em pé. Verificam-se que todas essas azevemas não são mais do que *des consensu de Journalistas de l'oppression*, como diz o Jupiter d'uma opera buffa.

Ainda bem! O mas de todo, o que mais praver me canson foi a certeza de não ser a *Naplo* subvencionada pelos governos amigos, que têm precedido de uma folha para fingir que tem por si a imprensa.

Já uma vez, ha tres annos, veiu a pello uma questão, acompanhada de cartas comprehensivas, que deixos patentes negociadas entre a certa imprensa e os gabinetes dos ministros. O fim d'essas negociações era fingir opinião favoravel ao governo, a troco de uma tantos *obsequios*.... não sei se me entendo.

A *Naplo* quã em outro tempo se chamava *Jornal da Turde*, foi criada por um homem empreendedor, activo, intelligente, pratico, que tem sabido levar a certo grau de prosperidade a empresa jornalistica. Apesar do alibã a politica de partido — o que é sempre um elemento de prosperidade — apesar de certas informações como fãlha commercial — o que vale do muito n'uma terra onde todos se occupam de commercio — o proprietario do *Jornal da Turde* passou a empresa adiante, a que talvez possa significar que não lhe pareceo ella extraordinariamente lucrativa no presente ou promettedora no futuro.

Tornada fãlha politica e ministerial, e occusando-lhe ao mesmo tempo as informações commercias, perdeu ella os dois unicos attractivos que podia ter, para o publico. E' verdade que passou a ser a primeira folha que publica a lista da loteria, mas como nem todos os dias anda a rolar....

O antigo *Jornal da Turde*, a actual *Naplo*, to-mou-se pois uma fãlha perfeitamente dispensavel para o publico, e perfeitamente dispensada pelo publico — Salvo nos tres dias.

Diminua-lhe, por conseguinte, a renã, sem que se possa supor que desapareçães tambem a despeza. E todos quantos têm estado na imprensa, sabem que lãhã a de uma folha, diaria ou não diaria, e que sacrificio exige de quem quer sustentã-la — independente de assignações e do rendimento de annuncios.

Põis bem, cases sacrificios, ha tres ou quatro annos que a *Naplo* os faz, nobremente, desinteressadamente, sem subvencões do Theouso, nem favores do governo, vivendo umas vezes de ar, como se casualides, e outros da graça do Deus, como os anjãlhos do cãu.

Esses sacrificios, eu, que tenho estado, e estou ainda, nos bondades da imprensa, são....

Com lãtera, deixem-me por um momento ser simplesmente guarda-livros, e vamos aos algarismos.

ORÇAMENTO DA DESPEZA DA NAÇÃO

Papel para mil folhas a 114 por numero.....	295,000
Campãção, a 208 por numero.....	935,000
Paginação, extra.....	5
Impresso a 64 (?) por numero.....	156,000
Noticiariata.....	150,000
Revisor e conferente.....	120,000
Empregado dos correios e sellos.....	100,000
Gerente.....	150,000
2 empregados.....	100,000
Extrordinarios, sro.....	5
Casa, sro.....	5
Papel, tinta e tilbury, sro.....	5
Etc, etc, etc, sro.....	5
	1.998,000

RECEITA DA NAÇÃO

1.000 annuncios diarios a 60 rs	
liquidos em 25 dias.....	1.560,000
Deficit.....	438,000

E, note-se, que lães perdio um cento de cousas que eu sei quanto custam, e até sem lães fallo do ordenado do seu guarda-livros, porque admitto que os srs. redactores, entre o artigo de fundo e a *Revista dos Jornais*, rellãem o *Cãlculo* a *Assignante* e o *Cãlculo da Fãlha em Fãlta de papel*.

Ora, se é caso indistinctivo que o orçamento da despeza da *Naplo* é superior ao que acima pão em algarismos, não acontece outro tanto com a sua receita.

A *Naplo*, salvo aquelles dias memorãveis em que collabora

o Sr Theouso da loteria, não tira ali mais de 700 ou 800 — e não digo menos para não a envergarhar plãdo-a abaixo da *Senão Illustrada*. D'estes 700 ou 800 ha qũantos a deduzir as trocas com collegas, os que ficam — sãbo Deus qũantos — e os que vão, de *vãlta* a *Nicolão*, para esse Matto Grosso e onde os dois redactores é deputado, e para os Peramburos p'onde o seu companheiro é representante.

Isto quanto à renda da folha. Quanto aos annuncios da *Naplo*, conheço pessoas a quem elles têm sido offerecidos ao mesmo preço, para os publicar quando *lães fãlta materia para escher a folha*. Por conseguinte....

Por conseguinte — o offerecimento que a *Naplo* proclama haver feito em tempo à *Republica*, de lhe fãltaar um exame dos seus livros — a *Naplo* qũante fãltaar-nos, accite-lhe, e direi mais, com unido gosto.

Como guarda-livros tenho visto causas do arco da velha, mas o que ainda não vi demonstrado — talvez fosse essa uma occasão — é o milagre da multiplicação dos pães e dos peixes.

Firo às suas ordens.

Boa.

A alma da natureza

(PARABENSO ESCRITO A'UM ALIBã)

A terra, como um colosso
que estendado exprães,
jaz immovel, mudo, frã,
A treva cobre-lhe a face.

Mas resuscita, renãima-se
A' luz do sol, que voltou
Como volta a luz do espirito
A sua fronte que acordou.

Oh! mas quando a lua argentea
A screna luz derrama,
Como a terra se extasia!
Como sente! como ama!

— A luz, bem pôde dizer-se,
E' a alma da creatão;
Se é o sol seu espirito,
A lua é seu coração.

S. Paulo, 1875.

Lecto de MEMORãA.

E que tal!

Os incendios inventaram-se depois das companhias de seguros, e por uma razão muito simples: é que não podem, estas dãs companhias que fãça hypoteticamente mais-se como dãs irmãs, viver um sem o outro, isolados e tristes.

Os incendios andam sempre atrãz das companhias de seguros, e as companhias de seguros atrãz dos incendios.

Assim que tãto a fogo ficam os directores das companhias n'uma sobreacção de fazer compãlho, mas tãto depressa sabem que a desgraça não lães cabiu em casa, esfregam as mãos de contentes e exploram todos os incidentes do incendio para angariarem mais numerosas clientela.

Põlo seu lado os incendios sorriem-se diante de tanta zãnfama vendo alargar-se-lhes o campo das suas operações. Inventados, pois, as companhias de seguros e os incendios tratou-se de inventar immediatamente um terceiro ele-

mento, uma especie de poder moderador, para conter os impetus das chammas contra as algebricas do proximo.

Inventos-se então o Sr. tenente-coronel Carvalho, e como seu auxiliar inventou-se em seguida tambem a... *Oriola*.

Tudo isto levou muito mais tempo para fazer do que Deus para criar o mundo. Era natural. Roma não se fez n'um dia... nem se cria.

Comegaram a erocar as companhias e a crescer os incendios. Era ainda muito natural. As crianças tinham de ser bemens n'um dia.

Não erocaram, porém, nem o tenente-coronel Carvalho, nem a *Oriola*. Foram sempre do mesmo tamanho, fugido assim ás leis da natureza.

O digno chefe do corpo de bombeiros que a principio era um gigante em face dos incendios infantis, foi gradualmente sentindo-se diminuir diante das proporções que aquellos tomavam.

Enquanto uma crianga bastava para dominar as laborandos, bem iam as coisas, mas quando foi necessaria lutar com as linguas de fogo como se houvesse de lutar com os aquagados dentro de uma malha de chões esfomados, o negocio mudou muito de figura. A *Oriola* que havia tido os seus dias de gloria, ficou abalada pela impotencia e pela desesperança ao lado do seu general, que conta muitos dos seus combates por muitas das suas derrotas.

O que não quer dizer que não seja elogiado por todos, e inclusive pela propria repartição de que é chefe.

E se no entantinho, se ha servico que possa ser feito com mais promptidão, é este.

Os incendios extinco por demais combedidos. Só se não pôde calcular a rua em que elles têm de existir, mas se dias podem ser calculados com a mesma exactidão mathematica com que se calculam as marés, as luas, e o nascer e pôr do sol.

Em geral são os fogos aos domingos e dias santos, por um d'estes phenomenos que parecem ter relição muito intima com o feccamento das portas.

O grande saca é que a verdade é esta.

A estatística é que pôde tirar-nos da duvida.

Os incendios n'aquelles dias têm sido:

Rua da Rosario, esquina da dos Ourives.

Rua da Quintanas, entre as do Ovidor e Sete de Setembro.

Rua do Ovidor, entre as da Quintana e Ourives.

Rua dos Ourives, entre as do Ovidor e Sete de Setembro.

Rua do Lavradio esquina da do Riachuelo.

Rua do Lavradio em frente á Policia.

Rua da Guarda Velha.

Rua do Rosario, entre as da Quintana e Ourives.

Rua da Allandega, entre as dos Ourives e Valls.

Alem d'estes, ha ainda alguns outros que não nos occorrem agora, sendo muitissimo menor o numero dos havidos em todos os demais dias da semana.

Os incendios, pois, sendo com rara excepção dos domingos e dias santos, nada mais facil do que ter uma pipa d'agua n'estes dias á porta de todas as casas, uma bomba e a respectiva guarnição.

E depois podiamos dormir a sonno solto.

Feito isto, o mais que podia succeder era os incendios mudarem de systema, e passarem a ser nas quintas-feiras.

PEDRO MALA ARTE.

Trioleto

...all...

João Censura, João Censura,
Tens o credito abalado!
Estão-te chegado á figura,

João Censura,
João, coitado!

Estás sendo, extranha aventura,
João Censura, censurado!
Coitado do João Censura!
Coitado do João, coitado!

Rev.

Ao Professor Carlos Wiener

ILUM. E EXM. SR.

A população da cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, como que aborça por se encontrar possuidora das mais fabulosas riquezas, ainda não está em si com a noticia profulada pelas Jornas, de haver V. Exc. avaliado as collecções do museu mesmo na importante quantia de vinte e dois mil contos de réis!

Convictos, como estamos, da exactidão do calculo de tão abalizado como consenciozo archeologo, não nosvamos extranhar a rigorosa precisão mathematica com que V. Exc. addiciona aquellas dous mil contos mais, á grossa e redondia quantia dos vinte mil!

Não senhor! Pelo contrario somos capazes de jurar que mais longe chegou a exactidão dos calculos de V. Exc. e abrigamos a crenga, que o seu calculo mimmundico a somma de 22.000-000.000 réis; e que estas fracções foram contadas pela imprensa diaria e que não é coiza por ali além, stancia a sua provexibil variabilidade!

Abriudo V. Exc. o exemplo de dar o justo e intrinseco valor á nossa riqueza, consista que lhe apresentemos outras preoficições que possamos, e das quizes não podemos ainda obter cootido satisfactoria!

Cabe o primeiro logar ao Exm. Sr. tenente-coronel Carvalho, e sobre do seu luctido corpo de bombeiros. Pedimos para este exemplar a mais aturada e minuciosa analyse.

O tenente-coronel em questão, conquanto não mereça figurar n'uma colleção zoologica, ainda que pela sua indole vagarosa podesse ser classificado no grupo dos chebanicos, e o inspektor d'incendios mais curioso que é dado observar!

Elle deixa andar as casas aos paços, e cada uma por tres vezes! Elle conserva o corpo de seu commando em chomra indisciplinada, elle não differença uma bomba de um fogador, elle fabrica os agradecimentos que lhe devem ser feitos, ella conserva o material d'incendios em depravado estado, elle...

Vamos Exm. Sr.—Quanto vale... quanto vale o Sr. Carvalho e as suas bombas?

Segue-se-lhe, na ordem do merito, o corpo policial da cidade. E' necessario que dignamos a V. Exc. que somos roubados de dia e nas ruas mais populosas;— que encontramos nas proprias praças do corpo de urbanos roubando-nos as gallinias dos nossos quintaes;— que o policia—do noite—está sempre-dormindo —o de dia— fecha os olhos nos maior.s crimes.

Ora diga-nos francamente quanto vale esta policia, Exm. Sr.? Seria injuato deixar de pôr sob as vistas de V. Exc. a nossa Camara Municipal.

Deixa ella as ruas no estado do mais completo abandono;— conserva os sumidoiros em tal estado de suidade, que

os mais poderosos desinfectantes seriam impotentes para corrigir aquellas putridas emanacões;— permite que pela cidade pastem os burros e magro espolm que brota pelos interstícios das pedras da calçada;— e nem sequer se reme regularmente, para gerar meia hora do esborozo cavaco, entre o caix de oyxos e o fumo perfumado do charuto de Havana!

Quanto vale aquella camara, presidente e tudo? Diga V. Exc. quanto vale.

Poupando-lhe os preciosos momentos, que precisa dedicar a questões de maximo alcance, perguntaremos por uma vez:

Quanto valcm os folhetins *Os Domingos* e *As Quintas-feiras*, que se publicam no *Globo*?

Quanto vale o Sr. Cardoso Mentores Censura e o seu Conservatorio Dramatico?

Quanto—o jornal *o Apontado*—os versos do Sr. Rosendo Mouta;—as cartas da *Carpina*;—a voz de actor Arbas;—a architectura do Sr. Bittencourt;—os tradados de musica do Sr. Bassameyer;—as preleções do Sr. Palmella;—o edificio da camara legislativa;—o servico dos nossos correios;—o systema d'extorcção das nossas loterias;—o servico da descarga da nossa allandega;— etc, etc?

Digno ao V. Exc. com a consciencia que lhe é particular, dar um valor a toda esta *fatiola* e de-lazar so mesmo tempo se quer entrar em ajuste do preço por que deseja levar todas estas *previdencias* para o seu paiz.

Não dante já declaramos a V. Exc. que lhe enchemos esta carta de riquezas gratuitamente; e em reconhecimento de sua livrar d'ellas, dar-lhe-hemos *par deusa* le marçal: um retrato de frei Vital, um catalogo alphanbetico dos commendados residentes e uma moeda de nickel do duzentos réis.

Reciba V. Exc. os protestos da mais sublim consideração.

Do seu admirador,
ALFREDO RIANCO.

SALPICOS

Não ha coiza assim!

Foga por um lado e larapios pelo outro, andamos verdaderamente entre a cruz e a caldeirinha.

Tam sido pedidas providencias, sollicitada a attenção dos *poderes competentes*, pedida a compaixão de S. M., mas nada se tem conseguido. De sorte que, não podendo pôr as nossas esperanças em providencias humanas, só nos resta apellar para a Divina.

E como sempre me ensinaram que nada vale para obter *coizas* da corte celeste, como a interessado dos santos, vou aproveitar o ensejo de fazer amanhã annos o Sr. S. Roque, deito lhe visita e depois metto-lhe o meu requerimento, ou para melhor dizer, o nosso requerimento, pois que já somos com mil a chamar. Ao mesmo tempo dos *loás* ao céu que conjunctivamente se venera com aquelle bemaventurado, e se ainda assim não conseguirmos nada, então, só vejo uma sahida: mettermos nos todos urbanos.

1°—Porque não poderemos ser roubados.

2°—Porque poderemos entrar em fogo impenhento.

Enfim tudo isto são *projeitos, coizas*, que em trouxe unicamente para fazer um realismo bem sentido á feta de Paquetá, pela qual tenho um verdadeiro *corregido*.

Chamem-me banguex, chamem-me tolo, chamem-me, inconscientemente, poeta, mas que tenho um franco muito forte por aquella ilha, isto tem! E' que a ilha de Paquetá é um jardim em ponto pequeno: arvores que chegam a entrar pela agua dentro, agua que vem a esparir-se em aristas deslambreadas de alvura, luz e frescura...

E depois, a ultima vez que lá estive, sempre comemos umas melancias!...

Palavra de honra, se me dessem a escolher, o que eu queria era ser rei de Paquetá, apenas com uma condicção annexa, darcm-me a *Independencia* para me guardar as costas. As costas da ilha, bem entendido.

Talvez, de resto, fosse um bom emprego de capital para aquellos nossos outros mil contos, cujo valor real anda por perto do das açções da Florestal Paranaense, e é certo o que diz o *Globo*.

Mas se, como supponho, se deve antes dar credito á *Nephe*, não ha mais mais solido do que a *Independencia*, e tanto, que já os engenheiros ingleses a entregaram aos representantes do nosso governo.

O que a *Nephe* não explica bastante é qual o papel que no futuro a *congolita* terá de representar com relação ao maior vaso de guerra da America do Sul. Issa, porém, pouco importa, pois quem quiser saber ao certo o que ha de pensar bastaria consultar o Sr. de Castilho, que por intermedio dos espiritos batedores decidirá do caso.

Se este recurso falhar, então, só se poderá formar Juizo sagrado—consultando o Conservatorio Dramatico.

Boa.